



RESENHAS

Apesar de tudo, ainda é possível ensinar
literatura

After all, it is still possible teach literature

BENEDITO ANTUNES *

* Professor do Departamento de Literatura, área de Literatura Brasileira - FCL - UNESP, Campus de Assis.

Quem gosta de literatura não consegue entender por que ela é tão rejeitada na escola. Em meio a disciplinas dedicadas a transmitir conteúdos mais ou menos estáveis, com métodos objetivos e precisos, a literatura na sala de aula poderia surgir como um oásis, em que os alunos dariam asas à imaginação ao ler e discutir não um produto elaborado para ser assimilado, mas histórias, aventuras, devaneios, invenções, mistérios. Como isso não ocorre, nossa primeira reação é lamentar que já não se goste mais de ler, que os professores não motivem seus alunos e que a escola não valorize a literatura. Todas essas razões podem ser verdadeiras, mas não explicam o que, de fato, acontece com o ensino de literatura e, principalmente, não contribuem para alterar essa situação. Por isso, *O professor de português e a literatura*, de Gabriela Rodella de Oliveira, é uma publicação muito oportuna, que ajuda a diagnosticar os principais problemas do ensino de literatura hoje e vislumbra perspectivas para a superação de grande parte dos impasses que se vivem na área.

Resultado de ampla pesquisa teórica e prática, o livro orienta-se por princípios que elegem o leitor como figura central e toca o cerne do problema. “Para que possa existir um ensino de literatura que leva em conta o aluno como sujeito leitor e não se restrinja a práticas de leitura escolar obrigatórias são necessários professores que sejam leitores literários” (OLIVEIRA, 2013, p. 31). Com base nesse pressuposto, a Autora estuda “as relações entre formação, hábitos de leitura e prática do ensino de literatura dos professores de português do ensino médio da rede estadual da cidade de São Paulo” (OLIVEIRA, 2013, p. 33). Começa por uma boa revisão dos estudos sobre o tema das últimas quatro décadas, para constatar que, dos anos 1970 para cá, quase nada mudou no tocante ao ensino de literatura. De um modo geral, os professores continuam apegados à história da literatura, segundo o modelo cristalizado desde o fim do século XIX. Conforme revelam as entrevistas com os professores feitas por diversos pesquisadores, essa prática decorre do pouco conhecimento do objeto com que eles trabalham. Apesar dos esforços de programas governamentais, em grande parte alimentados por pesquisas universitárias, os professores continuam privilegiando os dados biográficos dos autores e os fatos da história literária. A leitura literária, quando ocorre, contempla fragmentos de textos canônicos difundidos pelos livros didáticos.

A esse respeito, a Autora faz uma constatação relevante quando analisa as propostas governamentais para o ensino de literatura. Percebe que os editais

do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) delegam “aos livros didáticos a responsabilidade pela incorporação de novas metodologias e conteúdos de ensino e por sua difusão aos professores” (OLIVEIRA, 2013, p. 69). Assim, esse material funcionaria “como um suposto instrumento de formação do professorado brasileiro mais carente” (OLIVEIRA, 2013, p. 69), objetivo esse que tende a se frustrar porque a tendência dos professores é escolher livros que propõem uma metodologia e um conteúdo mais tradicionais, com “uma síntese adequada do que devem transmitir aos alunos”, conforme expressão de Antônio Augusto G. Batista (OLIVEIRA, 2013, p. 70). Embora os documentos oficiais apresentem propostas voltadas para o trabalho com o texto literário, enfatizando que o objetivo principal da disciplina de língua portuguesa é a formação do leitor literário, essa prática está fadada ao fracasso, uma vez que os professores não teriam condições de “conduzir os alunos à experiência estética (...) e ao prazer que essa experiência pode trazer” (OLIVEIRA, 2013, p. 80), pois eles próprios não são sujeitos de suas leituras.

Dessa forma, o livro ilumina um aspecto fundamental do ensino de literatura ao traçar “o perfil médio de um professor” de língua portuguesa. Com base em questionários aplicados a um conjunto representativo de professores da rede estadual da cidade de São Paulo, chega a um professor com as seguintes características básicas: é filho de pais sem escolaridade ou que cursaram até o ensino fundamental I; cursou pelo menos uma parte do ensino básico em escola pública; cursou o ensino superior em instituição particular; seus pais não são leitores ou leem esporadicamente; sua casa de infância não possuía livros de literatura adulta; suas leituras preferidas são *best-sellers* ou clássicos escolares (OLIVEIRA, 2013, p. 121). O perfil explica, em grande parte, o desempenho desses docentes em sala de aula e aponta para um grave problema educacional brasileiro: carência de professores bem formados e motivados para exercer a profissão escolhida. A prática desses professores dificilmente poderia fugir das aulas expositivas, com apresentação das correntes e dos estilos literários, panorama em que inserem as obras indicadas por exames vestibulares.

Apesar desse quadro algo pessimista, o livro detecta perspectivas animadoras ao perceber, num pequeno conjunto de entrevistados, indícios de mudanças, ou provas de que, mesmo nas condições descritas, é possível uma prática produtiva de leitura literária. São professores que, em suas aulas, procuram contextualizar o fato literário como forma de se contrapor à suposta falta de utilidade da litera-

tura, construindo, assim, um sentido para o seu ensino. Outros procuram aguçar a curiosidade dos alunos pelo texto literário lendo-o em voz alta. Esses professores constituem exceção no quadro geral, mas indicam uma saída por adotarem métodos diferenciados, que consideram a perspectiva do aluno. Para aprofundar esses indícios, a Autora detém-se em quatro entrevistas, que lhe permitem formular possibilidades inovadoras de leitura do texto literário na sala de aula.

Dos quatro casos analisados, um configura uma história de fracasso. Os demais apresentam peculiaridades que vão do professor que tem consciência de seu processo de formação como sujeito leitor e consegue compreender o ponto de vista dos alunos aos que apresentam formas criativas de ler a literatura com os alunos. Coloca em destaque o caso de uma professora que, embora se distancie do perfil médio, sugere boas práticas de ensino de literatura. Em vez do trabalho com a história da literatura e com dados sobre os autores e as obras, ela privilegia o fomento ao gosto pela leitura. Propõe, por exemplo, a leitura de um trecho de um romance clássico que, no seu entender, “pode despertar a curiosidade e levar os alunos a prosseguir com a leitura para saber o que acontece depois na trama” (OLIVEIRA, 2013, p. 237). Além disso, permite que os próprios alunos escolham pequenos textos para serem lidos na sala de aula. Práticas como essa criam condições para outras abordagens das obras, incluindo a sua contextualização, que então faz sentido para o aluno. A professora também propõe trabalhos sobre “o olhar na literatura, as mentalidades de uma época e a voz autoral” (OLIVEIRA, 2013, p. 238). Experiências de contar a história do bairro por meio de fotos e narrativas orais levam os alunos a vivenciarem o modo como um “escritor registra e faz a crítica de seu tempo, a partir de quais narrativas ele constrói a sua própria narrativa, a partir de que ângulos ele enxerga a realidade em que vive” (OLIVEIRA, 2013, p. 239). Essas atividades fazem com que os alunos desenvolvam “uma consciência sobre seu próprio olhar, o que depois (...) poderá ser relacionado ao olhar dos autores” (OLIVEIRA, 2013, p. 239). A professora estabelece, assim, uma condição propícia para a leitura atenta do texto literário, em suas entrelinhas. Procedimentos dessa natureza envolvem o sujeito leitor e favorecem inclusive a leitura de textos poéticos. Dessa perspectiva, torna-se secundária a questão da escolha dos textos, que pode incluir tanto autores canônicos como autores próximos dos alunos, como Ferréz e Alan da Rosa.

Sobressai nos casos analisados a consciência dos professores em relação à sua própria formação como condição para compreender a perspectiva do aluno,

adequando-se, dessa forma, ao aluno real e não a um ser idealizado. Mesmo assim, eles não consideram a leitura uma atividade simples. Ao contrário, reconhecem que “é um hábito de aquisição difícil, uma atividade que precisa ser ensinada” (OLIVEIRA, 2013, p. 255). É isso, em última instância, o que livro de Gabriela Rodella de Oliveira ensina: que é possível e necessário ensinar literatura. Mas, para isso, é preciso compreender o que se passa com os professores de literatura, qual é a sua origem, como são formados e como são tratados pelo sistema de ensino. São todos temas abordados de forma exaustiva e competente no livro, o que o torna referência obrigatória para quem se ocupa da formação de leitores e de professores de literatura.

Referência

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. *O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino*. São Paulo: Alameda, 2013. 269p.